

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS GRAJAÚ
CURSO INTERDISCIPLINAR DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-
GEOGRAFIA

**A REPRESENTAÇÃO DOS *TENTEHAR* SOBRE A ESCOLA: UMA VISÃO
APROFUNDADA DA ESCOLA DENTRO DA COMUNIDADE (ALDEIA
MARANAUWI - TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA) EM SANTA LUZIA DO
TIDE – MA**

**GRAJAÚ – MA
2021**

OBEDE RODRIGUES CARVALHO

**A REPRESENTAÇÃO DOS *TENTEHAR* SOBRE A ESCOLA: UMA VISÃO
APROFUNDADA DA ESCOLA DENTRO DA COMUNIDADE (ALDEIA
MARANAUWI - TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA) EM SANTA LUZIA DO
TIDE – MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas –
Geografia, da Universidade Federal do
Maranhão, Campus de Grajaú, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado em
Ciências Humanas, com habilitação em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Mônica Ribeiro Moraes de
Almeida

**Grajaú – MA
2021**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

CARVALHO RODRIGUES, OBEDE.

A REPRESENTAÇÃO DOS TENTEHAR SOBRE A ESCOLA: UMA VISÃO APROFUNDADA DA ESCOLA DENTRO DA COMUNIDADE ALDEIA MARANAUWI - TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA EM SANTA LUZIA DO TIDE - MA / Obede Rodrigues Carvaalho. - 2021.

26 p.

Orientador(a): MONICA RIBEIRO MORAES DE ALMEIDA.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2021.

1. Aldeia Maranauwi. 2. Cultura Indígena. 3. Educação Indígena. 4. Índios Tentehar. I. Ribeiro Moraes De Almeida, Mônica. II. Título.

OBEDE RODRIGUES CARVALHO

A REPRESENTAÇÃO DOS TENTEHAR SOBRE A ESCOLA: UMA VISÃO
APROFUNDADA DA ESCOLA DENTRO DA COMUNIDADE (ALDEIA
MARANAUWI - TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA) EM SANTA LUZIA DO TIDE –
MA

Trabalho apresentado ao Curso de
Licenciatura Interdisciplinar em Ciências
Humanas - Geografia da Universidade
Federal do Maranhão (UFMA), Campus de
Grajaú, como pré-requisito para a obtenção
do título de Licenciado em Ciências
Humanas - Geografia.

Aprovada em: 06/04/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª. Rosemary Gomes Rocha

Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª. Kátia Núbia Ferreira Corrêa

Grajaú – MA

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado o dom de viver e por me permitir chegar até aqui. A minha família que sempre me apoiou nos momentos difíceis que enfrentei nessa jornada universitária, em especial minha querida mãe que sempre fez o possível e o impossível para me ver realizar esse sonho.

Sou grato a todos os professores que com seus ensinamentos sempre foram pacientes e dedicados na arte de lecionar, em especial aos queridos Francisco Vale, que transmitia as complexas teorias filosóficas de forma bastante dinâmica, facilitando assim a nossa aprendizagem; Ramon Alcântara, com quem aprendi a ter um olhar mais humanitário para com meu próximo; Edilma Fernandes, sempre muito positiva e realista, que alegrava a todos com sua energia positiva; não poderia deixar de citar o professor Marcos Nicolau que esteve presente e sempre me ajudou nos dois programas (PIBID e Residência Pedagógica) no qual tive a honra e o prazer de participar. E gostaria de agradecer de maneira mais que especial a minha querida orientadora Mônica Ribeiro, que sempre muito paciente e educada me conduziu com sua experiência e conhecimento a conclusão dessa pesquisa.

Agradeço também aos colegas de turma no qual pude compartilhar momentos bons e ruins ao lado, mas sempre respeitando o direito do próximo, agradeço em especial aos amigos Leandro Damascena, Alaíde Chaves e Jovana Gomes, pois além de sempre fazermos os trabalhos juntos, nossa amizade perdurou para fora dos portões da universidade, são pessoas que quero sempre levar comigo.

E por fim, quero agradecer a UFMA - Universidade Federal do Maranhão, a todas as pessoas que trabalham para o bom funcionamento da instituição, desde os seguranças passando pelas senhoras que trabalham nos serviços gerais até a administração. Serei eternamente grato por todos os ensinamentos que tive na instituição, foram dias de lutas e de glórias que serão de grande valia tanto para minha carreira profissional, como também para minha vida pessoal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 OS MODOS DE VIDA E A CULTURA DOS POVOS <i>TENTEHAR</i>	10
3 A ESCOLA NAS COMUNIDADES INDÍGENAS: DO ÍNICIO AOS DIAS ATUAIS	14
4 ANÁLISE DE CAMPO E DISCUSSÃO TÉORICA	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	26

A REPRESENTAÇÃO DOS *TENTEHAR* SOBRE A ESCOLA: UMA VISÃO APROFUNDADA DA ESCOLA DENTRO DA COMUNIDADE (ALDEIA MARANAUWI - TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA) EM SANTA LUZIA DO TIDE – MA

THE REPRESENTATION OF THE TENTEHAR ABOUT THE SCHOOL: A DEEP VIEW OF THE SCHOOL WITHIN THE COMMUNITY (VILLAGE MARANAUWI - ARARIBÓIA INDIGENOUS LAND) IN SANTA LUZIA DO TIDE - MA

LA REPRESENTACIÓN DEL TENTEHAR SOBRE LA ESCUELA: UNA VISTA PROFUNDA DE LA ESCUELA DENTRO DE LA COMUNIDAD (ALDEIA MARANAUWI - TIERRAS INDÍGENAS DE ARARIBÓIA) EN SANTA LUZIA DO TIDE - MA

Obede Rodrigues Carvalho

Graduando de Licenciatura em Ciências Humanas – Geografia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Campus Grajaú
obederodrigues930@gmail.com

Orientadora: Mônica Ribeiro Moraes de Almeida

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Docente do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA / Campus Grajaú
Monicarma@gmail.com /

RESUMO

O presente artigo foi realizado com o objetivo de compreender como ocorre o processo de escolarização vivido pelos *Tentehar* da Aldeia Maranauwi, no município de Santa Luzia do Tide - MA. Para um melhor entendimento da realidade local em que a escola se faz presente, foram entrevistados alguns moradores e professores que trabalham na escola da aldeia. As discursões apresentadas neste trabalho tiveram como base teórica o conceito de representação de Bourdieu (1989), além de outras fontes bibliográficas. Sendo assim, a partir dos dados de campo e das fontes bibliográficas trabalhadas, este artigo mostrará alguns aspectos da realidade escolar da aldeia. Como por exemplo, como os índios se apropriam da escola, qual o significado que ela assume para eles, como os agentes envolvidos no processo de escolarização se movem para transmitirem um ensino que tenha resultados para os índios da comunidade.

Palavras-chave: Índios *Tentehar*; Educação Indígena; Aldeia Maranauwi; Cultura Indígena.

ABSTRACT

This article was carried out with the objective of understanding how the schooling process experienced by Tentehar from Aldeia Maranauwi occurs, in the municipality of Santa Luzia do Tide - MA. For a better understanding of the local reality in which the school is present, some residents and teachers who work at the village school were interviewed. The speeches presented in this work were theoretically based on the concept of representation by Bourdieu (1989), in addition to other bibliographic sources. Therefore, based on field data and bibliographic sources, this article will show some aspects of the school's reality in the village. Like, for example, how the Indians take over the school, what does it mean for them, how do the agents involved in the schooling process move to transmit a teaching that has results for the Indians in the community.

Key-words: Índios *Tentehar*; Indigenous Education; Maranauwi village; Indigenous Culture.

RESUMEN

Este artículo se realizó con el objetivo de comprender cómo ocurre el proceso de escolarización vivido por *Tentehar* de Aldeia Maranauwi, en el municipio de Santa Luzia do Tide - MA. Para una mejor comprensión de la realidad local en la que está presente la escuela, se entrevistó a algunos residentes y maestros que trabajan en la escuela del pueblo. Los discursos presentados en este trabajo se basaron en el concepto de representación de Bourdieu (1989), además de otras fuentes bibliográficas. Por lo tanto, con base en datos de campo y fuentes bibliográficas, este artículo mostrará algunos aspectos de la realidad de la escuela en el pueblo. Como, por ejemplo, cómo los indígenas se apoderan de la escuela, qué significa para ellos, cómo se mueven los agentes involucrados en el proceso escolar para transmitir una enseñanza que tiene resultados para los indígenas de la comunidad.

Palabras llave: Índios *Tentehar*; Educación Indígena; Pueblo de Maranauwi; Cultura indígena.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada visando trazer à tona a realidade escolar vivida pelos índios *Tentehar* da comunidade indígena aldeia Maranauwi. Mostrando como se dá o processo de ensino-aprendizagem dentro da aldeia, como os agentes envolvidos neste processo se articulam para conseguirem desenvolver na aldeia um ensino que venha servir para melhorar as condições de vida dos índios em seu dia-a-dia. E procurar entender como a escola é vista pelos índios, se a educação transmitida por ela realmente atinge as expectativas esperada por eles.

O interesse pela pesquisa surgiu principalmente pelo fato de eu vim de uma cidade que se encontra as margens de aldeias, e que sempre percebi que o preconceito contra os indígenas ainda é muito grande. Outro fator que me incentivou a pesquisar foi a curiosidade que eu tinha em entender como os índios entendem e se apropriam da escola, como formadora para as suas atividades diárias.

Traço aqui como objetivos da pesquisa, compreender de que maneira os índios *Tentehar* se apropriam da instituição escolar e os significados que a mesma vai assumindo nos diferentes contextos sociais em que estão inseridos. Analisar como acontece o processo de ensino e aprendizagem dentro da comunidade indígena, e identificar quais os impactos da escola no dia-a-dia dos indígenas.

A escolarização dos povos indígenas, na atualidade, é um assunto que vem sendo colocado em pauta nas políticas educacionais. Todavia esse assunto merece, sobretudo, mais atenção, já que o Estado, ao propor meios de escolarizar esses povos, deve levar em consideração às peculiaridades culturais destes, para que esse ensino não seja uma

mera reprodução do modo de viver do não índio.

Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar a importância que este tema possui para a sociedade atual, pois a educação escolar é um direito assegurado pelo Estado a todos os indivíduos, independentemente de sua origem racial, étnica, religiosa, cultural, econômica ou social. Cabendo ao mesmo dinamizar diferentes formas de ensino que condizem com as diversas culturas existentes na sociedade brasileira.

O que me vocacionou a desenvolver o trabalho, foi um desejo pessoal de entender como é feito esse processo escolar de ensino-aprendizagem dentro das comunidades indígenas. Um dos grandes motivos que me levou a desenvolver a pesquisa foi o fato de eu conviver bastante com os índios da (Aldeia Cajá) aldeia que também está localizada no município de Santa Luzia, onde minha mãe, a professora Maria Lucilene Rodrigues Carvalho trabalhou, pois sempre a ajudei com atividades escolares e levava ela para ministrar as aulas na aldeia. No momento ela está no cargo de coordenadora regional de 11 escolas indígenas do município de Santa Luzia do Tide, e tem sido de suma importância para mim, à colaboração que ela tem dado para a construção deste trabalho.

O estudo aqui levantado produzirá um novo conhecimento a respeito da interação existente entre a instituição escolar, e os moradores da aldeia Maranauwi. Pois vale ressaltar que ainda não existem trabalhos específicos de investigação sobre a representação que a escola assume na comunidade indígena (Aldeia Maranauwi).

O presente artigo foi realizado a partir de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, a pesquisa teve como base metodológica o conceito de representação, o autor utilizado para pensar a pesquisa foi Bourdieu (1989). Fundamentado no conceito de representação, se buscou entender como os índios *Tentebar* significam e tem enxergado a escola em sua comunidade.

Na oportunidade, entrevistei cinco alunos e dois professores da escola Maranauwi. Também contei com a participação do cacique José Domingos Maranay Guajajara e da Coordenadora da Escola, senhora Maria Lucilene Rodrigues Carvalho. Sobre as pesquisas qualitativas afirma Cardoso (1986, p. 101).

A interpretação que se constrói sobre análises qualitativas não está isolada das condições em que o entrevistador e o entrevistado se encontraram. A coleta do material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são as fases sucessivas, mas como elo necessário.

Portanto, o que se buscou com pesquisa, a partir das falas e participações dos entrevistados foi compreender como são recebidos os conhecimentos escolares por parte dos alunos indígenas, como eles se apropriam desse conhecimento. E investigar se os agentes envolvidos neste processo têm buscado formas de dinamizar esse ensino no meio educacional indígena.

2. OS MODOS DE VIDA E A CULTURA DOS POVOS *TENTEHAR*

O povo *Tentehar* é um dos poucos remanescentes dos tupi-guarani, numeroso povo indígena que viveu no território brasileiro no passado e que teve uma grande influência na construção da cultura indígena nacional. Um povo que resistiu ao tempo, e que manteve viva sua cultura até os dias atuais. A palavra “*Tentehar*” quer dizer, somos seres Humanos verdadeiros. (WAGLEY, GALVÃO, 1961).

Apesar de estarem em contato com a civilização portuguesa a mais de três séculos, alguns *Tentehar* ainda habitam em regiões isoladas. A demografia desses índios é desconhecida, já que os dados da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), órgão responsável por promover, coordenar e executar os direitos do índio são incompletos sendo ignorado várias aldeias.

Até o ano 2000, de acordo com a FUNAI existiam cerca de 13.100 índios *Tentehar* vivendo apenas nas terras indígenas. Isso sem contabilizar os índios que moravam em cidades como, São Luís, Barra do Corda, Grajaú, Imperatriz ou Amarante. O crescimento anual da população *Tentehar* é de cerca de 2,5% a 3,0%, ficando bem acima do crescimento anual da população geral do Brasil (SCHRÖDER, 2002). Segundo Wagley e Galvão (1961):

Suas aldeias se estendem de Barra do Corda no Rio Mearim, estado do Maranhão, até os rios Gurupi, Guamá e Capim a noroeste do estado do Pará. Cerca de treze aldeias se concentram na vizinhança de Barra do Corda. Dez ao longo da trilha do gado que acompanha o Rio Zutua, tributário do Pindaré, cinco no alto e médio Pindaré. (1940, p. 22)

A aldeia que aqui estar sendo estudado se localiza no estado do Maranhão, dentro da Terra Indígena Araribóia, a mesma está localizada em uma área de transição do Cerrado para a Floresta Amazônica. A reserva possui cerca de 413 mil hectares. “Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), cerca de 12 mil indígenas das etnias *Guajajara* e

Avá-Guajá vivem na área, muitos em situação de isolamento voluntário”¹. Nos últimos anos a Terra Indígena Araribóia sofreu com constantes queimadas, mas graças à ajuda dos órgãos públicos como o IBAMA, e dos próprios índios, o controle desses incêndios vem sendo controlado gradativamente.

Araribóia, Bacurizinho e Cana-Brava são as reservas indígenas que abrigam a maior parte dos índios *Tentehar* do Maranhão, cerca de 85% da população, os chamados (*Guajajara*). As demais Terras onde esses índios estão situados são, Caru, Governador, *Krikat*, Lagoa Comprida, Morro Branco, Rio Pindaré, Rodeador e Urucu-Juruá. A divisão territorial entre os índios *Tentehar* possibilitou aos pesquisadores e estudiosos deste povo denominar os que habitam no Estado do Maranhão de *Guajajara*, e os que habitam no Estado do Pará de *Tembé*. Apesar de ambos compartilharem a mesma língua e hábitos culturais e se considerarem um só povo (SCHRÖDER, 2002).

O povo *Tentehar* tem como característica habitacional a preferência por lugares de florestas densas, regiões com grande concentração de chuva durante o ano, onde as atividades de caça e pesca sejam mais propícias. Fatores esses que acabam por isolar esta população do contato com o homem da cidade (WAGLEY, GALVÃO, 1961).

A língua falada pelos *Tentehar* tem sua origem vinda da língua tupi-guarani. Segundo Schröder (2002) os idiomas mais próximos são o *Asurini* (do Tocantins), o *Avá* (Canoeiro), o *Parakanã*, o *Suruí* (do Pará), o *Tapirapé* e o *Tembé*, que lhe é muito semelhante. Os *Tentehar* chamam sua língua de *ze'egete* ("a fala boa") a língua *Guajajara* é utilizada como língua principal, enquanto o português funciona como a segunda língua falada na aldeia. Os *Tentehar* se constituem como um povo unido por uma mesma língua e tradições culturais em comum, eles não possuem um sentimento de pertença a uma determinada aldeia. Apesar de muitas vezes residirem por toda vida na mesma aldeia (SCHRÖDER, 2002).

Segundo Wangle e Galvão (1961) geralmente esses povos costumam fazer suas casas em barrancos elevados e distantes do rio ou igarapé cerca de meio quilômetro. Uma distância que os protegeria de possíveis inundações. Na aldeia normalmente as casas são construídas em forma de fileira com um terreiro limpo e sem vegetação.

Os *Tentehar* no passado viviam como nômades, suas aldeias eram pequenas e de existência temporária, já nos dias atuais são permanentes e poucas vezes transferidas. De acordo com Schröder (2002) normalmente essas aldeias costumam manter sua independência e poucas vezes formam coligações regionais, mas existem diversas relações de parentesco, matrimoniais e rituais entre as comunidades. Quanto ao tamanho das

¹ Alex Rodrigues 26/10/2017

aldeias, normalmente elas variam, sendo possível encontrar em alguns casos uma grande quantidade de indivíduos e em outras um número consideravelmente menor (SCHRÖDER, 2002).

O principal meio de sustentação alimentícia e econômica dos *Tentehar* é a lavoura. Entre as atividades econômicas mais praticadas por eles, podemos citar o plantio de mandioca, macaxeira, milho, arroz, abóbora, melancia, feijão, fava, inhame, gergelim, amendoim dentre outros. Para o plantio da lavoura é necessário todo um processo que se inicia na estação da seca nos meses de maio a novembro, onde é realizado o broque, etapa de derrubada da mata e queimada. Logo em seguida vem à coivara e a limpeza do terreno, já nos meses de novembro a fevereiro ocorre o plantio e a capina (SCHRÖDER, 2002).

Outra atividade praticada pelos índios *Tentehar* principalmente os das aldeias ribeirinhas, é a pesca. Essa atividade funciona mais como uma distração e lazer para os *Tentehar*, já que não tem tanta garantia como meio de subsistência para eles. Entre as espécies de peixe mais pescadas estão o cará, o cascudo, a lampreia, o mandí, o pacu, o piau e a traíra (WAGLEY, GALVÃO, 1961).

A caça, outra atividade econômica praticada pelos *Tentehar*, vem sendo reduzida ano após ano. Segundo Schröder (2002) devido a constante disputa por caça entre brancos e índios dentro das matas, e também pelo fato das limitações das reservas indígenas, essa atividade econômica e cultural vêm se enfraquecendo cada vez mais.

A governabilidade na cultura *Tentehar* tem características específicas, funciona assim, “o chefe da aldeia é chamado de capitão e tem a autoridade e responsabilidade de governar o povo dentro da aldeia. Entre os *Tentehar* não existe um poder centralizado”². Segundo Schröder (2002):

Cada aldeia tem seu próprio cacique ou capitão, mas há aldeias com mais de um, por causa das rivalidades entre várias famílias extensas. Alguns caciques tentam estender sua influência às aldeias vizinhas, mas sua autoridade é muito instável e pode ser contestada a qualquer instante pelos concorrentes da própria aldeia. Neste jogo pelo poder, o órgão indigenista costuma intervir para promover seus próprios protegidos, que podem ser personagens fracos, sem base verdadeira nas aldeias. (2002)

Os laços familiares da cultura *Tentehar* possibilitam para os índios um contato mais dinâmico nas relações dentro das aldeias. A unidade familiar para os *Tentehar* tem como

² Peter Schröder 01/2002

característica principal a flexibilidade em estabelecer relações e fazer proveito dessas relações (SCHRÖDER, 2002). “A família extensa é a mais importante”³.

Muitos chefes de família extensa procuram manter o maior número de mulheres junto de si, até adotando as filhas de homens falecidos que eles costumavam chamar de "irmãos". Eles tentam arranjar casamentos para essas moças para assim conseguir genros, que devem viver pelo menos um ou dois anos junto aos sogros, prestando vários tipos de serviço. Se o chefe de família tem bastante prestígio, consegue que os genros se fixem definitivamente com ele, aumentando, desse modo, o número de colaboradores e angariando co-partidários para formar uma facção na aldeia. (SCHRÖDER, 2002)

Ou seja, para que um indivíduo consiga se constituir como referência dentro da aldeia, é preciso todo um processo de reconhecimento social por parte dos habitantes da comunidade, que vai depender de suas estratégias e desenvoltura no meio social, para que ele possa conseguir se consolidar como uma liderança política na aldeia.

Um dos aspectos da cultura *Tentehar* que vêm se enfraquecendo e se transformando ao longo dos anos é a sua produção artesanal. Porém, na cultura material dos *Tentehar* ainda existe a produção de algumas cesteiras e redes de dormir, que podem ser utilizadas no uso doméstico e também na comercialização. A pintura corporal geralmente é utilizada em festas e rituais ou para manifestação de um desejo político. Outro aspecto cultural dos índios *Tentehar* que se enfraqueceu foram os contos mitológicos, devido à implantação de missionários nas aldeias indígenas, muitos índios deixaram de acreditar na mitologia de sua cultura. Heróis culturais como o *Zurupari*, criador das pragas e dos insetos, das cobras peçonhentas e aranhas, antes tido como uma figura venerada, hoje já não é tão cultuado (SCHRÖDER, 2002).

Os grandes rituais tradicionais estão em decadência por muito tempo. Antigamente, o mais importante era a Festa do Mel (*zemuishi-oban*), realizada em setembro ou outubro, durante a estação seca, e que exigia vários meses para ser preparada. Ela desempenhava um papel muito importante nas boas relações entre as aldeias, mas atualmente é celebrada raramente e apenas em poucas aldeias. (SCHRÖDER, 2002)

A aproximação dos *Tentehar* com o homem da cidade tem ajudado nesse processo de enfraquecimento e transformação de seus ritos tradicionais. “Outros rituais como o da festa do milho, também chamada de festa do pajé, que tinha como objetivo proteger a

³A família extensa funciona da seguinte forma, são famílias nucleares em que existem vários indivíduos unidos entre si, por um mesmo laço de parentesco. Na sua essência, trata-se de um grupo de mulheres que possuam um laço de parentesco entre si, e que são lideradas por um único homem. (Peter Schröder 01/2002)

plantação e garantir uma boa colheita. E a festa do moqueado realizada juntamente com a do milho, que representava o final da puberdade das adolescentes da aldeia, também estão em um constante processo de decadência”⁴.

A transformação cultural que os povos *Tentehar* têm enfrentado ao longo da sua história, em grande parte, é consequência do contato com o não índio. Dessa forma, com base nas informações sobre a cultura e vivência dos povos *Tentehar* que foram apresentadas até aqui, início assim a discussão sobre como a escola tem se implantado dentro da Aldeia Maranauwi, já que a mesma também faz parte desse cenário de transformação cultural. Pois, se para alguns índios a escola pode trazer o avanço para as comunidades indígenas, para outros ela ainda precisa ser repensada e articulada, de uma maneira que o ensino ministrado por ela não venha causar prejuízos para seus modos de viver nem para sua cultura.

3. A ESCOLA NAS COMUNIDADES INDÍGENAS: DO INÍCIO AOS DIAS ATUAIS

Os primeiros acessos dos *Tentehar* com a escola ocorreram a mais de três séculos, a partir de missões religiosas. Mais especificamente através das missões jesuítas e dos capuchinos. Segundo Almeida (2012):

Embora, não haja registros claros da criação de escolas neste período, destinadas exclusivamente para educação dos índios, os métodos de “civilização” executados pelos jesuítas supunham práticas catequéticas que exigiam dos *Tentehar* disciplina pedagógica. Isto é, as ações dos jesuítas obrigavam os índios a comportarem-se como alunos da escola civilizatória jesuítica. [...] as práticas de catequização/civilização dos capuchinhos exigiam rigor disciplinar aos *Tentehar* nos moldes dos não índios, contradizendo os ideais de liberdade e mobilidade presentes na cosmologia *tentehar*. Desde os primeiros contatos com os Jesuítas, às missões implantadas pelos Capuchinhos, a relação dos *Tentehar* com a alteridade foi povoada de tentativas de fazê-los abandonar seus costumes. (2012, p. 69, 72)

Como pôde ser visto, os primeiros contatos do homem branco na tentativa de escolarização dos indígenas não foram nada amistosos. Se por um lado existia a esperança de “civilizar” os índios nos moldes da sociedade branca, por outro lado os agentes envolvidos nesse processo não respeitavam o modo de vida e a cultura dos índios. Para

⁴ Peter Schröder 01/2002

Amoroso (2001, p 136), quando a escola jesuítica se implantou nas terras indígenas no século XVII, ela tinha objetivos bem explícitos:

Quando se implantou, a escola em área indígena buscou atender demandas muito claras. Sua existência era emblemática da política indigenista da época, que se erguia sobre os pilares da catequese e da civilização, e pautava-se por um conjunto de princípios que girava em torno da conversão, educação e assimilação branda da população indígena ao conjunto da sociedade nacional (apud ALMEIDA, 2012, p. 72).

Desse ponto, fica evidente que a escola trazida primeiro pelas missões religiosas, e depois pelo Estado, teve como intuito alterar a cultura dos indígenas e aproximá-los ao máximo de uma suposta cristianização. Mesmo não tendo conseguido esse feito com os Jesuítas e com outras missões como a dos Capuchinos Italianos. Todavia, é evidente que os indígenas até os dias atuais, vêm se apropriando da escola como um meio para melhorar suas condições de sobrevivência.

De acordo com Quijano (2002, p. 04, apud ALMEIDA, 2012, p. 14, -15), “Como produto histórico da *racionalidade ocidental*, produzida de forma sistemática a partir do século XVII, a *escola* tornou-se o espaço no qual se reproduz o único conhecimento aceitável e legítimo pelos padrões atuais de poder”. O que fica claro é que, esse padrão escolar europeu trazido no século XVII foi muito bem aceito e institucionalizado pelo não indígena. No entanto, a educação escolar trazida pelos colonizadores para os indígenas, até os dias atuais, ainda é um campo de incertezas e que precisa de melhor planejamento e execução por parte do Estado para que se possam alcançar melhores resultados educacionais nas comunidades indígenas.

Para Almeida (2012, p. 14), a educação, por exemplo, tornou-se sinônimo de escola ou, na melhor das hipóteses, quando distinguidas, a última é entendida como o lugar primordial para o exercício da primeira. Desse ponto de vista é notório que a escola, há muito tempo se tornou a principal instituição responsável por ensinar os princípios educacionais para o avanço social de toda e qualquer civilização, sendo incluindo também os povos *Tenteban*.

4. ANÁLISE DE CAMPO E DISCUSSÃO TEÓRICA

A pesquisa de campo foi feita na aldeia Maranauwi, que está localizada na Terra Indígena Araribóia, município de Santa Luzia, estado do Maranhão. A aldeia foi fundada

no ano de 2012. Como na maioria dos casos, a criação da aldeia se deu por conta de conflitos internos entre os índios que habitavam na aldeia Tuarizinho, que também se localiza na Terra Indígena Araribóia. Assim, uma parte dos índios que moravam na aldeia se deslocaram para a região e formaram um novo agrupamento indígena, onde hoje está localizada a aldeia Maranauwi.

Segundo relatos do cacique José Domingos Maranay Guajajara, o conflito entre os índios se deu por conta de um carro que carregava alguns índios evangélicos para cultos em outras aldeias e os outros índios não queriam aceitar. Devido a esse conflito, os índios se dividiram criando assim a aldeia Maranauwi. Ainda segundo o cacique o lugar onde a aldeia foi criada, foi escolhido por Deus, pois lá eles vivem em paz e harmonia, e é bem melhor do que quando eles moravam na aldeia Tuarizinho, onde tinha muitas brigas e confusões.

A aldeia conta com 29 casas onde vivem cerca de 35 famílias, algumas casas abrigam mais de uma família, e a população total da aldeia atinge o número de 112 pessoas. A aldeia não tem uma hierarquia de lideranças⁵, pois segundo relatos do cacique, senhor José Domingos Maranay Guajajara ele é a única liderança dentro da aldeia, e foi escolhido de forma unânime pela comunidade. Segundo o próprio, antes dele se tornar cacique havia um outro cacique na aldeia, porém este abandonou a aldeia e sua esposa para ir atrás de outra mulher em uma outra aldeia. Assim os moradores escolheram o irmão José Domingos, para chefiar a aldeia e o mesmo permanece nesse cargo até então.

Os moradores da aldeia Maranauwi enfrentaram algumas dificuldades para poder se instalar no local onde hoje residem, em entrevista, o cacique, junto com alguns moradores relatou entre essas dificuldades principalmente a falta de água. Segundo eles no início da fundação da aldeia as dificuldades eram grandes para eles conseguirem água para beber, tomar banho e fazer as outras atividades domésticas que exige uso de água. Essa realidade que foi enfrentada no início da fundação da aldeia traz uma amostra do descaso por parte das autoridades governamentais com os povos indígenas.

Eles tinham que carregar a água em galões de 20 litros da cidade de Arame até a aldeia se quisessem permanecer morando na aldeia. Outra alternativa que também era muito utilizada por eles para suprir a necessidade de água, era fretar um carro para levar a água até a aldeia. Devido a essas dificuldades, alguns índios acabaram retornando para a aldeia Tuarizinho de onde já tinham saído.

⁵ Hierarquia de lideranças caracterizo aqui como o termo utilizado para esclarecer que não existe uma divisão de poderes dentro da aldeia, (com exceção do poder de governo que a família extensa exerce). A aldeia não tem um pajé ou mesmo outros líderes abaixo do cacique em uma possível pirâmide política, para tomar decisões pelos índios, quando algo precisa ser decidido o próprio cacique o faz.

Apesar dessas dificuldades, e de alguns índios terem retornado para a antiga aldeia onde moravam. A aldeia conseguiu se estabelecer no local e hoje os índios contam com um carro pipa do Polo da FUNAI, vindo da cidade de Arame, que passa regularmente pela aldeia toda semana, e não deixa faltar água para os moradores. E ainda segundo o próprio cacique, eles também conseguiram ganhar um poço artesiano prometido pela FUNAI para a comunidade, e estão só esperando as obras do poço começar.

Embora à aldeia resida as margens da cidade de Arame - MA, local de suma importância para os índios, pois eles resolvem muitos negócios por lá, a escola presente na aldeia veio de Santa Luzia, município onde a aldeia está localizada. Em relação à escola, o sistema de ensino na aldeia Maranauwi possui em seu quadro letivo, séries que abrangem o ensino infantil, fundamental menor e fundamental maior com séries que vão do 6^a ao 9^a ano.

Os professores que trabalham na aldeia são todos efetivos, ou seja, concursados, designados pela secretaria de educação do município de Santa Luzia, com exceção do Professor indígena Armando Guajajara, que trabalha na aldeia contratado pela secretaria de educação. A escola oferece apenas as disciplinas da grade curricular do município de Santa Luzia, que são: Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Filosofia, Artes, Educação Física, Religião, Geometria e Produção Textual. Não existindo disciplinas específicas voltadas para a cultura indígena.

Ao todo, a escola da aldeia possui sete professores, conta também com 73 alunos. Alguns desses alunos vêm de aldeias próximas, Aldeia Cajá, Aldeia Cocalinho, Aldeia Cajueiro. O principal motivo de esses alunos frequentarem a escola da aldeia Maranauwi, é por conta que suas aldeias não possuem as séries do ano letivo que eles estão cursando. Todavia, a relação dos alunos que moram na aldeia Maranauwi com os alunos que vêm de fora é bastante amistosa. Os alunos são muito bem recebidos, tanto pelos agentes da escola da aldeia (professores), como pelos próprios moradores.

Essa empreitada na busca da formação educacional levou alguns alunos que concluíram o ensino fundamental na escola da aldeia Maranauwi a buscarem também a formação média. Cerca de cinco alunos iniciaram o ensino médio na cidade de Arame no ano de 2019, porém, devido à falta de suporte (transporte escolar, falta de apoio da própria escola que eles estavam frequentando), eles acabaram por desistirem antes mesmo do meio do ano. Por conta disso, eles acabaram voltando a participar das aulas na aldeia Maranauwi, agora na condição apenas de ouvintes, já que já tinham concluído o ensino fundamental.

Isso mostra como os índios tem esse desejo de estudar, e estão sempre buscando meios de terem acesso à educação escolar.

Na entrevista realizada na comunidade, os alunos e moradores mencionaram a importância da escola para a aldeia, enxergam ela como uma ponte para melhorar sua qualidade educacional e seus modos de vida. Eles acreditam no poder de transformação que a escola desempenha. Almeida (2009) Ao estudar o processo de escolarização Canela encontrou o mesmo argumento dos índios da aldeia Maranauwi, segundo a autora “os índios querem a escola, pois ela representa um veículo de desenvolvimento”. Assim como os índios Canela, os *Tentebar* também têm reivindicado esse direito pela escola em suas aldeias, perante os órgãos governamentais.

A presença da instituição *escola* em terras indígenas é resultante do contato interétnico. Os povos indígenas têm buscado se apropriar do processo de escolarização de diferentes maneiras, de acordo com a história de contato que vivenciam e com seus modos de vida. (ALMEIDA, 2012, p. 20)

Os moradores da aldeia Maranauwi afirmaram que foram eles mesmos que tiveram que correr atrás para conseguirem trazer a escola para a aldeia, sem a ajuda e esforço de nenhuma autoridade municipal. Foram os próprios índios que reivindicaram o direito pela escola junto à secretaria de educação de Santa Luzia e conseguiram com muito esforço criar a escola em sua comunidade. Essa busca incessante pela educação vinda do Estado traz à tona uma questão. Por que os índios querem tanto a educação que vem de fora da aldeia? Almeida (2009) acredita:

Que a necessidade da escola não foi originada por uma demanda interna, mas foi sendo construída, ao longo do tempo, através do contato com o não índio e suas instituições [...] e que os povos indígenas, na relação de contato, internalizam a crença de uma superioridade científica confiável, sendo a escola o instrumento de apreensão deste saber científico e tecnológico valorizado no mundo que os cerca. As dinâmicas políticas, sociais, econômicas da sociedade envolvente organizam-se num sistema de códigos que marca o que é legítimo e o que não o é. Assim, as minorias têm que se reestruturar através de outras bases para estabelecer negociações e diálogo com a sociedade envolvente, revendo constantemente a sua posição nas relações sociais. (2009, p. 80,82)

Ou seja, as comunidades indígenas se veem obrigadas pela cultura do não índio a se adaptarem a esses moldes educacionais, se quiserem acompanhar o avanço político, social e econômico da atualidade, o contato com o não índio criou para eles a impressão de que a falta da escola vinda do Estado, representaria um atraso em suas vidas.

No decorrer da entrevista, interroguei alguns alunos sobre a opção de estudar na própria aldeia ou na cidade juntamente com os brancos. Eles responderam que preferem estudar na aldeia, segundo eles, é mais adequado, tem espaço suficiente e eles gostariam de ter ensino fundamental e médio na própria aldeia e estão lutando por isso. Falando das dificuldades enfrentadas por eles com o estudo na cidade, o aluno do 9^a ano Reinaldo Guajajara relatou o seguinte: “as dificuldades são muitas quando se trata de estudar na cidade, começando pelo transporte, até o meio do ano tinha carro para levar a gente. Depois não tinha mais, aí acabamos perdendo o ano inteiro por causa disso”.

Ainda falando sobre as dificuldades que eles enfrentam ao se deparar com a escola na cidade. Estes relataram que um fator que atrapalha o aprendizado deles na escola é a constante troca de professores e o curto período de tempo que existe entre a ministração de uma disciplina para outra. Ou seja, para eles fica claro que um horário de 45 minutos não é o suficiente para compreensão dos conteúdos ministrados em uma disciplina. E não somente isso, outros fatores como a timidez deles em contato com o branco, o preconceito que de certa forma ainda existe contra eles, acaba por atrapalhar a aprendizagem deles quando passam a estudar na cidade.

Assim os alunos afirmaram que mesmo que o ensino na aldeia tenha a mesma formatação que do ensino na cidade, com períodos curtos de 45 minutos para algumas disciplinas, e as constantes trocas de professores. Devido a eles já estarem no seu próprio meio social e cultural, é muito mais fácil para eles aprenderem ali na aldeia do que na cidade, mesmo com essas dificuldades. Tassinari (2009) reflete sobre essas reivindicações escolares da atualidade, entre os povos indígenas:

[...] percebe-se, através de experiências de educação indígena no Brasil todo, um interesse muito grande em repetir as rotinas escolares mais tradicionais, de forma quase ritualística: horários, tarefas, mobiliário, avaliações. Paralelamente, propõe-se a elaboração de “currículos diferenciados” que, como preconiza a legislação, assegure às comunidades indígenas a “*utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem*.” (2009, p. 14)

O que se percebe com a fala dos alunos, é que ainda existe um caminho longo a ser percorrido, quando se trata de melhorar o sistema educacional disponibilizado para eles. Caminho esse que não se faz pacificamente, já que são muitas as diferenças entre o ensino trazido pelo Estado, e a real necessidade de aprendizagem dos indígenas. Um exemplo que pode ser mostrado na própria fala dos alunos, é a questão do curto horário entre a ministração de uma e outra disciplina, visto que o aprendizado do indígena se faz diferente

do aprendizado do homem branco, demandando mais tempo e mais atenção dos professores com os alunos indígenas. Bourdieu apresenta como a ciência e o Estado podem agir de maneira imparcial com as diferentes culturas, com o objetivo de reconhecer e autenticar a identidade social que cada povo, com suas peculiaridades possui:

Basta pensar na acção do sistema escolar em matéria de língua para ver que a vontade política pode desfazer o que a história tinha feito. Assim, a ciência que pretende propor os critérios mais bem alicerçados na realidade não deve esquecer que se limita a registrar um estado da luta das classificações, quer dizer, um estado da relação de forças materiais ou simbólicas entre os que têm interesse num ou noutro modo de classificação e que, com ela, invocam frequentemente a autoridade científica para fundamentarem na realidade e na razão a divisão arbitrária que querem impor. (BOURDIEU, 1989, p. 115)

Segundo essa análise, o Estado embasado nas justificativas e teorias da comunidade científica, tem esse poder de desconstruir todo um legado histórico de um povo, podendo alterar o cotidiano e a cultura destes da maneira que achar mais conveniente a seus próprios interesses. No entanto, o papel de ambas as instituições em relação às alteridades culturais que cada povo detém, é somente dá suporte humanitário, ou seja, dá assistência nas áreas da saúde, educação, segurança, saneamento básico etc. Sem, contudo, esquecer-se da subjetividade cultural que cada povo possui. Todavia, apesar de todos esses entraves, os povos *Tentehar* veem cada vez mais reivindicando os direitos pertencentes a eles frente às instituições governamentais responsáveis pela demanda educacional em suas aldeias. Almeida (2009) relata que a educação escolar nas aldeias:

Tem sido introduzida pelo Estado e os povos indígenas estão passando por um processo de conhecimento e apropriação desta instituição, não tendo assumido as rédeas do processo de escolarização. Os índios, apesar de ainda não terem adquirido autonomia em relação à construção de suas experiências escolares, estão, de diferentes formas, segundo os diversos povos, participando do processo. Assim, podemos perceber que o campo da educação escolar relacionada aos povos indígenas não representa um chão firme para se pisar, a contingência e a ambiguidade dão a tônica a esse campo. (2009, p. 15)

Quando questionados sobre o que a escola na aldeia representa para eles, os moradores responderam que ela tem uma importância imensurável. O cacique José Domingos Maranay Guajajara relatou que: “antes quando não tinha escola aqui, as crianças não aprendiam nada, agora eles aprendem, pois tem a escola para nossas famílias, da mesma forma que a criança do branco aprende as nossas crianças também tem a capacidade de aprender”.

O que se percebe é que os índios ainda que de forma despercebida, passam a valorizar a escola como a principal porta para o conhecimento. Fazendo uma análise mais crítica sobre essa situação, o que pode ser visto, é que essa é uma jogada estratégica utilizada pelo Estado dentro das comunidades indígenas para a dominação desses povos. Bourdieu (1989) mostra como são articuladas as estratégias de manipulação do Estado:

Mas, mais profundamente, a procura dos critérios objectivos de identidade regional ou étnica não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialecto ou o sotaque) são objecto de *representações mentais*, quer dizer, de actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectivas*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores. (1989, p.112)

Ou seja, o Estado por meio do discurso de progresso e de seus agentes externos (suas instituições), legitima o seu poder de domínio sobre os diferentes povos. A própria escola exerce esse poder simbólico, a introdução dela nas aldeias indígenas, por exemplo, pode ser utilizada pelo Estado como instrumento que vai determinar e modificar a representação mental que os índios têm de ver o mundo. Dessa forma, os índios se afastam de suas raízes culturais e de seus meios educacionais mais tradicionais, e começam a enxergar a escola como a forma mais legítima de educação.

A valorização do conhecimento que vem de fora da aldeia acaba causando por muitas vezes, grande impacto sobre a cultura interna da comunidade, que por sua vez vai transformando os costumes indígenas. A falta de profissionais habilitados para aplicarem aulas na língua materna que ainda é muito grande no meio indígena, e a falta de estruturação de uma disciplina voltada exclusivamente para a cultura e os modos de vida dos indígenas, alimenta ainda mais esse enfraquecimento da cultura *Tentebar*.

Havendo uma melhora nesses aspectos, a cultura indígena poderia ser mais bem vista e mais valorizada pelo próprio homem branco. Um simples exemplo que pode ser mostrado foi o ocorrido na reinauguração de uma escola indígena da aldeia Toary do município de Santa Luzia, no dia 14 de agosto de 2020, onde na ocasião o diretor pedagógico do município, senhor Juarez, e o coordenador pedagógico, senhor Raimundo Lopes ao observarem dois Maracás, (objeto que faz parte da cultura material indígena) que estavam sendo utilizados na ornamentação da mesa receptora, despertou neles um grande interesse, eles queriam comprar os objetos a qualquer custo. Um pequeno exemplo que mostra a importância que a cultura indígena possui, devendo sempre ser preservada.

Coelho (2008) afirma que “a educação escolar tem sido um dos veículos fundamentais que o estado moderno utiliza para homogeneizar a população, tendo em vista seu papel na reprodução e modificação da cultura” (apud ALMEIDA, 2012, p. 16). Ou seja, a cultura do índio vai perdendo os seus traços tradicionais e sendo modificada pela cultura do branco, a escola tem caminhado por essa via de mão dupla, se por um lado traz o avanço para dentro das comunidades, por outro também representa ameaça aos costumes culturais dos nativos.

No decorrer da entrevista, também interroguei os alunos sobre o significado que a escola tem para eles, Dayane Guajajara, aluna do oitavo ano, respondeu assim: “através do estudo temos um pouco de conhecimento, aprender a ler e escrever vai melhorando um pouco pra nossa comunidade, aqui na nossa comunidade tem muitos jovens que estão seguindo pra frente através do estudo, e também através do estudo nós entendemos de agricultura indígena. Através da educação temos como melhorar nosso trabalho, aqui ainda falta muita coisa para melhorar, e através da educação podemos conseguir isso”. A fala da aluna coincide com o que diz Almeida (2009) a respeito dos índios Canelas:

De diferentes formas, os Canelas estão se apropriando da escola, atribuindo-lhe uma importância e dando-lhe um sentido próprio. Pretendem que essa escola se construa nos moldes da escola não indígena, pois para eles a escola deve ser capaz de lhes dar ferramentas para decifrar os códigos da “sociedade envolvente” Assim, deve conter elementos desta mesma sociedade. (2009, p. 66)

Fazendo um comparativo no que diz respeito ao significado que os dois povos indígenas têm tomado da escola não indígena, percebe-se claramente, que esta, tem se firmado cada vez mais como instrumento capaz de fornecer uma possibilidade de futuro melhor para eles, dessa forma o significado que a escola tem tomado para os dois povos (*Tentehar* e Canela) ao longo dos anos, vem caminhando por trilhos parecidos.

De acordo com o que foi relatado pelos entrevistados, o que se percebe é que a escola para os índios da aldeia Maranauwi tem se apresentado como uma instituição governamental imprescindível para eles, ela cada dia mais é reconhecida e faz parte do dia-a-dia da aldeia. Almeida (2012) ver a escola como uma espécie de *cerco simbólico*. Termo esse que ele denomina como:

[...] o conjunto de regras instituídas por instrumentos normativos, práticas e discursos, oficiais ou não, que determinam os processos de dominação e controle utilizados pelo Estado, com relação a segmentos minoritários da população. Configura-se como um “cerco” por tentar limitar os espaços de

negociação nos quais o jogo pode ser jogado. E *simbólico* por se fundar em características concernentes à *violência simbólica*, cunhada por Bourdieu (1992), a uma configuração de violência que é exercida com o consentimento de quem a sofre. (2012, p. 75,76)

Ou seja, desse ponto de vista o Estado tem utilizado a escola dentro das aldeias como um meio de exercer poder e controle sobre a comunidade indígena. Esse exercício de poder sobre a comunidade é reforçado no discurso dos próprios índios que ainda que de forma despercebida, enxergam na escola apenas as melhorias, e não percebem a violência simbólica que a mesma exerce sobre eles. Portanto para Almeida (2012) o *cercos simbólico* nas terras indígenas se torna maior quanto maior for a eficácia dessa escola.

A *escola* em terra indígena concretizou-se como uma das bases mais avançadas do Estado na relação com os povos indígenas. Através da mesma, o Estado se faz presente, sem precisar, em vários casos, enviar agentes externos (professores não-índios, antropólogos). Utilizando-se de estratégias como arregimentação de indivíduos no seio da própria sociedade estabelece suas normativas de funcionamento sem aparentemente ferir os princípios sócio-culturais de cada povo. (ALMEIDA, 2012, p. 77)

O Estado se utiliza de uma forma de domínio bem estratégica sobre os indígenas, nomeia líderes indígenas que irão atender os próprios interesses do Estado dentro das aldeias. A escola tem se colocado cada vez mais como responsável por essa relação de subordinação e poder do Estado sobre os índios. Camuflada e sustentada com o discurso de progresso social e econômico para as comunidades indígenas.

Embora a escola tenha sido instalada nas comunidades indígenas há séculos, com o objetivo de domínio e aculturação⁶ dos povos nativos, por parte dos não índios. O objetivo do Estado deveria ser contrário a este. Para Almeida (2012, p. 92) “a escola, a princípio, deveria ser um complemento dos conhecimentos adquiridos pelos *Tentehar* e não uma ponte para deixar de sê-lo”. Em outras palavras, a educação vinda de fora da aldeia serviria somente para ajuda-los a melhorar a sua qualidade de vida, e não para fazê-los perderem ou negarem os seus modos culturais e sociais construídos ao longo da sua história. Pois, como diz Bourdieu (1989, p. 118) “O mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto”. Ou seja, os índios buscam essa inclusão e aceitação na sociedade envolvente, sem, contudo, deixarem de ser diferentes do homem branco.

⁶ Processo de modificação cultural de um indivíduo, grupo ou povo que se adapta a outra cultura ou dela retira traços significativos.

Neste mesmo sentido, concordo com o pensamento de Almeida (2012, p. 91) que diz que “ser como o branco, não é ser o branco. Dominar sua linguagem, suas invenções e convenções é dominar o outro sem, contudo, transformar-se nele”.

Almeida (2012) enxerga no povo *Tentehar* a capacidade de adaptação e o espírito de alteridade com quaisquer que sejam os outros povos. Assim para ele a escola vinda de fora da aldeia deve ser acolhida pelos índios com o objetivo de agregar um conhecimento externo no dia-a-dia da aldeia de forma positiva, e que esse conhecimento seja reapropriado de acordo com a demanda interna da comunidade. Dessa forma os saberes e costumes indígenas irão se associar ao conhecimento vindo de fora da aldeia, formando assim uma forma legítima de aprendizagem.

[...] ‘os *Tentehar* têm disposição para aprender com quaisquer que sejam seus interlocutores. Indica que os processos de aprendizado estão abertos para elementos externos e que podem ser reaproveitados na própria cultura, como tradições próprias. As habilidades extraordinárias adquiridas externamente são, portanto, domesticadas aos costumes internos e repassadas aos demais. A escola pode ser inserida nesta perspectiva, o lugar de saberes extraordinários e externos, que devem ser acessados e incorporados ao cotidiano na aldeia’.
(ALMEIDA, 2012, p. 101)

Também questionei dois professores sobre como é para eles trabalhar na aldeia, como é essa vida diária com os índios e quais as dificuldades eles enfrentam nessa profissão. Segundo eles, quase não existe diferença entre o branco e o índio na hora de aprender, para os professores os índios tem muita facilidade na aprendizagem, só que o professor precisa manter o foco com o aluno, de estar sempre orientando da forma correta. Porque muitas vezes há uma certa desatenção por parte dos alunos, eles ficam aéreos com algumas coisas e acabam que perdem o foco na aula, aí é preciso chamar a atenção deles por isso. Essa desatenção dos alunos, relatada pelos professores se explica na concepção de Mauss (2002[1936]):

[...] “que aponta para o fato de a pessoa não ser uma categoria universal do espírito humano; e deva ser entendido a partir de uma análise específica, contextualizada historicamente e socialmente, considerando como ponto de partida o pensamento nativo”. (apud MARQUI, COHN, p. 208)

Ou seja, mesmo os índios tendo a mesma facilidade de aprendizagem dos não índios, é preciso levar em consideração na hora da transmissão do ensino escolar, todas as particularidades que existem na cultura da comunidade indígena. Criando assim, estratégias específicas que se encaixem no contexto social desses índios, e que venha trazer resultados

positivos na transmissão do conhecimento. Só assim os professores alcançarão melhores resultados com seus alunos.

Quanto às dificuldades enfrentadas por eles para trabalhar, os professores relataram principalmente a questão da infraestrutura da escola. A falta de um prédio escolar de qualidade para os alunos, a falta de recursos tecnológicos e o descaso da secretaria de educação com as escolas das aldeias da região. O que evidencia que é necessário um replanejamento estrutural por parte do Estado, que pode ser feito pela própria secretaria de educação responsável pelas escolas presentes nessas comunidades indígenas. Para que assim possa se melhorar a educação escolar oferecida aos índios da aldeia Maranauwi e das outras aldeias da região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se constatou com desenrolar do trabalho, é que os índios da comunidade indígena Maranauwi têm um envolvimento cada vez mais profundo com a escola na aldeia. Pois a enxergam como o principal parâmetro para conseguirem ter uma melhor qualidade de vida, para eles ela também se faz necessária na medida em que é mediadora entre a cultura deles e a cultura do homem branco. Essa importância que a escola tem assumido na aldeia, pode ser observada nos relatos dos moradores, quanto aos esforços e a luta que foi para eles conseguirem trazer a escola para a sua comunidade.

Todavia, também se observou no decorrer da pesquisa que apesar dos índios estarem se apropriando cada vez mais da intuição escolar na aldeia, esta, ainda deixa muito a desejar, vimos com os exemplos dos moradores e alunos da aldeia que tem muita coisa para se melhorar. Situações como o curto horário para a ministração de disciplinas, a falta de disciplinas voltadas à própria cultura indígenas são exemplos que podem ser mostrados.

Outra questão levantada na discussão deste trabalho, foi o enfraquecimento da cultura indígena através da inserção desses agentes externos na comunidade. Ou seja, pôde ser visto, que à medida que a escola vai se firmando como a principal e mais legítima forma de adquirir conhecimento dentro da aldeia, os índios vão deixando de lado a sua própria cultura e costumes, e se adequando cada vez mais aos modos de vida do não índio.

A forma como acontece à transmissão do ensino escolar também foi um fator analisado no presente trabalho, visto que o aluno indígena recebe um conhecimento diferente do que ele está acostumado em seu dia-a-dia na aldeia. Assim, constatou-se que se

faz necessário por parte dos professores adquirirem estratégias diferentes, e que leve em conta essa diferença social e cultural que o aluno indígena tem do aluno não indígena.

Portanto, conclui-se que o objetivo desta pesquisa foi alcançado com sucesso. Tendo em vista que o tema que aqui foi trabalhado pôde mostrar qual a realidade em que os índios têm se apropriado da escola. E como o Estado através da secretaria de educação de Santa Luzia, tem inserido a escola dentro da comunidade indígena aldeia Maranauwi.

REFERÊNCIAS

SCHRÖDER, Peter. Povo: Guajajara. **Povos Indígenas no Brasil**. 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico: Identidade e representação**. Lisboa: Difel, Difusão Editorial, 1989.

CARDOSO, Ruth C. L. **A aventura antropológica: Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1986.

ALMEIDA, Emerson Rubens Mesquita. **Ser como o branco, não é ser o branco: dinâmicas de controle e transgressão nas relações interétnicas**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, São Luís, 2012.

ALMEIDA, Mônica Ribeiro Moraes. **A construção do ser canela: dinâmicas educacionais na aldeia Escalvado**. 2009. 109f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, São Luís, 2009.

TASSINARI, Antonella. **Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a Escola**. 33º Encontro Anual da Anpocs. 26 a 30 de outubro de 2009.

RODRIGUES, Alex. Fogo volta a destruir parte da Terra Indígena Arariboia, no Maranhão. **Agência Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/fogo-volta-a-destruir-parte-da-terra-indigena-arariboia-no-maranhao/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2021.

COHN, Clarice.; MARQUI, Amanda R. **Tornar-se aluno(a) indígena – Uma etnografia de uma escola Guarani**. Revista Inter-legere, Volume 09º.

WAGLEY, Charles.; GALVÃO, Eduardo. **Os índios Tentehar: uma cultura em transição**. Rio de Janeiro: Coleção Vida Brasileira, 1961.